



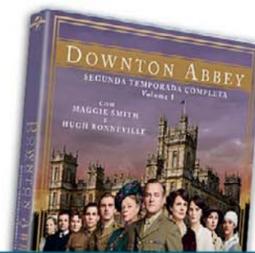
GRÁTIS

HISTÓRIA DO SÉCULO XX DE MARTIN GILBERT EM 8 VOLUMES

NÃO PERCA HOJE O SEGUNDO VOLUME



DOWNTON ABBEY II 1.º DVD
Por apenas +€5,95 (cont.)
+ caixa arquivadora
+ três meses TV Series



XL

1973
2013

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

20 de abril de 2013

2112
€3,00

Diretor: Ricardo Costa

Diretores-Adjuntos: Nicolau Santos,
João Garcia, João Vieira Pereira e Miguel Cadete
Diretor de Arte: Marco Grieco

expresso.sapo.pt

24h

Castro Almeida na equipa de Maduro

Castro Almeida, presidente da Câmara de São João da Madeira pelo PSD, vai ser o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional. Ex-dirigente da CCDR/Norte, tem experiência na gestão de fundos comunitários e é atualmente o nº 2 de Rui Rio na Junta Metropolitana do Porto.

Tsipras no 25 de abril

O líder da formação política grega Syriza, Alexis Tsipras, vai estar em Lisboa para participar nas comemorações do 25 de abril a convite do Bloco de Esquerda.

Chineses esgotam leite em pó

Os militares dos navios de guerra chineses que nos últimos dias estiveram em Lisboa esgotaram o leite em pó para bebés. "A procura levou a que momentaneamente houvesse ruturas", diz o responsável de vendas da Nestlé, Nuno Ribeiro. E conta: "Vi talões de compra de 400 euros". Na China há falta deste produto e relatos comuns de intoxicações.

Álcool e drogas caem

O consumo de drogas e álcool diminuiu em 2012 face a 2007 e situa-se abaixo da média europeia, diz o III Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral.

Direito de resposta

Por decisão judicial publicamos o direito de resposta de Fátima Pereira na página 23.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: **ECONOMIA, REVISTA, ATUAL e EMPREGO** e ainda **ESPECIAL ANGOLA** e **GESTÃO DE FROTAS**

mantovani
Cozinha e Banho



Portas quer coordenar áreas económicas

➔ Além da Agricultura e Segurança Social, líder do CDS quer "mandar" no Ministério da Economia ➔ Santos Pereira leva a Conselho de Ministros estratégia de crescimento ➔ Passos espera seduzir PS P4

Carrilhões de Mafra presos por andaimes

Apodrecimento da madeira obrigou a pôr escoras nos sinos. Inverno rigoroso agravou mais a situação

Sinos encomendados por D. João V, no século XVIII, não tocam há mais de dez anos e não vão voltar a ouvir-se tão depressa. Custo da reparação ronda 1,8 milhões de euros e continua sem haver luz verde para a empreitada. P22

Boston ADN e roupa denunciam suspeitos



RICARDO LOURENÇO
em BOSTON

Responsáveis do FBI contaram ao Expresso como identificaram os autores do atentado da Maratona de Boston e determinaram as suas possíveis motivações P30

Dois clientes do 'Monte Branco' condenados no Brasil



Donos de uma agência de viagens punidos com sete anos por lavagem de dinheiro P20

SIDERURGIA NACIONAL AMEAÇA IR PARA ESPANHA E17

Exames médicos com meses de atraso

Colonoscopias ou ecografias podem demorar mais de meio ano a ser marcadas P24

MARISA MONTE: "TENHO FÉ NO BEM, FÉ NO CERTO" A6



A PIOR PRISÃO DO ESTADO NOVO

Em Moçambique, a seis meses do 25 de abril, ainda havia tortura até à morte R26

Desenho de Malangatana, que esteve dois anos preso na Machava

BIC EXPORTADOR
EXPORTE CONNOSCO
CRESCA CONNOSCO



GERAMOS NEGÓCIOS ALÉM-FRONTEIRAS

- Soluções para exportação de bens e serviços
- Gestão de fluxos financeiros
- Desenvolvimento de estratégias de investimento

Informe-se já
808 22 44 44
(2ª e 6ª das 9h às 20h, exceto feriados)
www.bancobic.pt

BancoBIC
Crescemos juntos

REVISTA

21
12

Expresso
20/ABR/13

Machava, a pior prisão do Estado Novo

INVESTIGAÇÃO

Durante a guerra colonial, Machava, em Moçambique, foi palco das torturas mais sangrentas. Seis meses antes do 25 de abril ainda ali se espancava até à morte

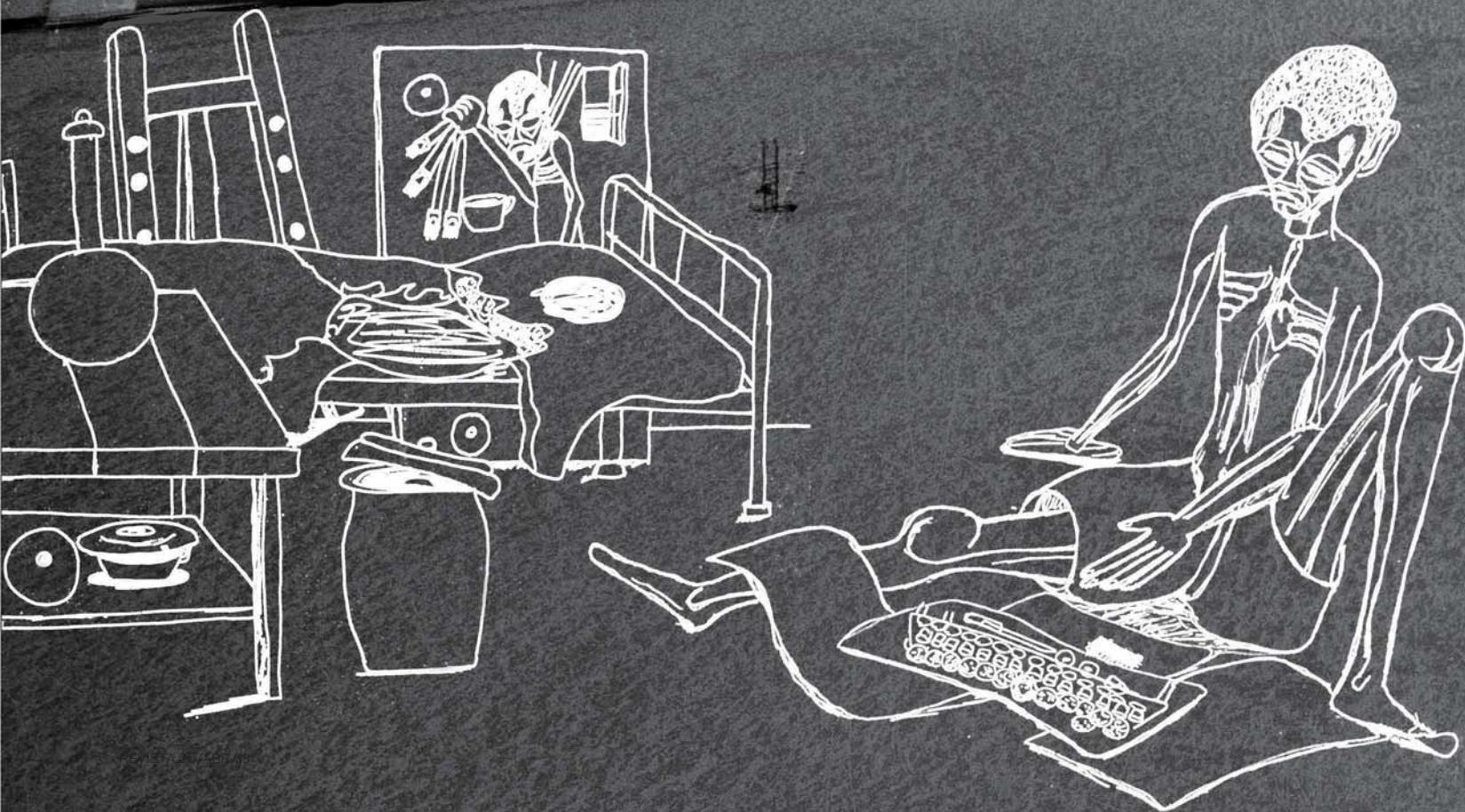


**CELA DA
MACHAVA,**
NUM DESENHO
DO PINTOR
MALANGATANA,
QUE AÍ ESTEVE
DETIDO
DOIS ANOS

MACHAVA

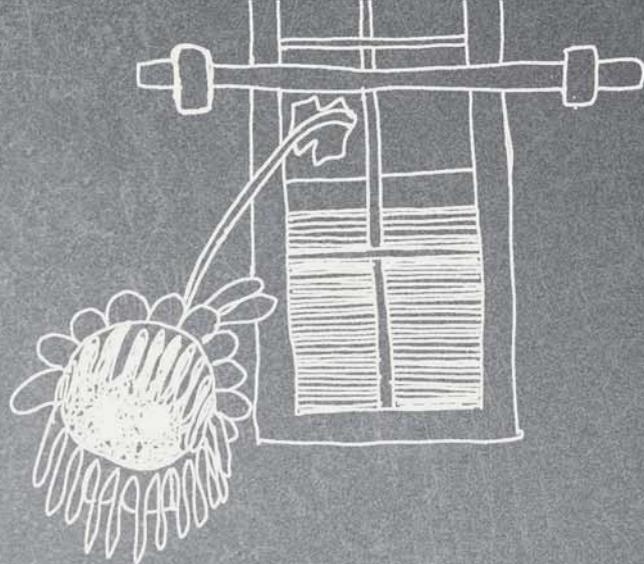
A PRISÃO ONDE SE TORTURAVA ATÉ À MORTE

26



Seis meses antes do 25 de abril ainda se torturava — em massa e até à morte — na prisão política da Machava, em Moçambique. Uma investigação do Expresso, que teve acesso a documentos inéditos da Cruz Vermelha Internacional e da Igreja Protestante Suíça e falou com as principais testemunhas, comprova que esta era a pior das prisões portuguesas de África durante a guerra colonial

TEXTO DE JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA, ENVIADO A GENEBRA



CAMPO DA MACHAVA E DESENHOS DE MALANGATANA O PINTOR FOI UM DOS SEUS MAIS FAMOSOS PRISIONEIRO E RETRATOU AQUELE ESPAÇO EM NUMEROSOS DESENHOS, NORMALMENTE A TINTA DA CHINA, E QUE VÃO ILUSTRANDO A REPORTAGEM

J

Jacques Moreillon é um dos delegados mais experientes do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV). Já visitou dezenas e dezenas de prisões políticas por todo o mundo. A Machava, em Lourenço Marques (atual Maputo), é mais uma. É dia 30 de outubro de 1973. A inspeção vai no segundo e último dia, tudo parece normal, mas a intuição diz-lhe que é um engano.

De Genebra, sede da CICV, tinha recebido informações seguras sobre maus-tratos e até torturas, e que devia procurar no pavilhão nº 5. É o que faz. “Senti que a atmosfera era muito bizarra”, recorda Moreillon, na sua casa nos arredores de Genebra. “Naquela época falava bastante bem português e achei os presos muito reticentes, mais do que o costume e mais do que os de outros pavilhões. Até que, ao chegar à última cela, perguntei a quem lá estava se fora espancado. Ele respondeu-me: ‘Ainda não...’ Como assim?, quis saber. ‘Ainda não chegou a minha vez.’ E os que eu já vi? ‘Todos os que já vi foram torturados’, sussurrou. ‘Mas nenhum deles se queixou’, estranhei. ‘Então, senhor delegado, volte lá atrás, leve consigo o seu colega médico, fale outra vez com eles, façam-os despir a camisa e eles que mostrem as costas.’ Foi o que fiz. Tinha razão. O meu colega, o dr. Leu, tomou nota de tudo, para poder fazer uma descrição precisa no nosso relatório.”

Quando os delegados da Cruz

Vermelha deixam para trás os pesados portões da cadeia da Machava sentem a garganta seca e um aperto no coração. “Trazíamos uma enorme lista de 45 presos que se haviam queixado de sevícias, 32 dos quais com marcas bem visíveis no corpo.” Desde 1965 que o CICV fazia visitas regulares às prisões políticas da África portuguesa, desde o Tarrafal, em Cabo Verde, até São Nicolau, em Angola. Mas nunca tinha visto nada semelhante.

Em maio de 1971, 33 membros da congregação Padres Brancos haviam sido expulsos de Moçambique. Refletindo sobre este gravíssimo incidente, o departamento missionário da igreja protestante suíça questiona-se sobre o sentido evangélico da sua permanência em Moçambique, onde se instalara quase um século antes. Na província portuguesa do Índico há 40 missionários, entre os quais o pastor Marcel Vonnez, o seu representante junto das autoridades. Nascido em 1933, com formação de agrônomo, chegara a Lourenço Marques em 1966. Após um aturado debate, os missionários suíços decidem que está fora de causa abandonar a jovem Igreja Protestante Moçambicana (IPM), que ajudaram a fundar.

DEZENAS LEVADOS EM JIPES

Marcel Vonnez vive em Lourenço Marques, a cem metros da casa do pastor Zedequias Manganhela, presidente do IPM e um dos mais respeitados líderes protestantes de Moçambique. Num dia de junho de 1972 “apareceu a polícia em jipes e levou várias dezenas de africanos”, conta Vonnez, que assiste a tudo. Oficialmente são detidos 31 membros da IPM, incluindo o vice-presidente, Casimiro Matié, e o próprio Manganhela.

A polícia faz uma razia entre as diversas comunidades protestantes, suspeitas de apoiarem a guerrilha da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo): presbiterianos, congregacionais, wesleyanos, adventistas, sionistas. Vonnez



DEPOIS DE TER DADO O PÃO E O VINHO AO INSPECTOR LONTRÃO, O PASTOR MANGANHELA DISSE: 'DORAVANTE HÁ NOVAS RELAÇÕES ENTRE NÓS'

calcula em 1010 o número de prisões efetuadas entre maio e junho de 1972. A igreja suíça envia uma delegação a Moçambique, para pressionar a libertação de Manganhela e companheiros. O pastor Georges Andrié é um dos emissários. Nada conseguem, a não ser a autorização para uma celebração ecuménica na prisão.

A santa ceia — o rito equivalente à eucaristia católica — realiza-se a 8 de setembro, no campo de futebol. “Quando partilhamos o pão e o vinho, estamos a dizer que somos homens e irmãos perante Deus”, explica Marcel Vonnez, um dos celebrantes. Alguns funcionários da Direção-Geral de Segurança (polícia política portuguesa) recebem o pão e o vinho das mãos do pastor Manganhela. Entre eles está o inspetor Francisco Lontrão, o mais temido dos torcionários. Os pastores suíços não mais esqueceram as palavras do colega: “Sr. inspetor, acabou de acontecer algo extraordinário. Comungou conosco! Isso significa que existem, doravante, novas relações entre nós.”

Georges Andrié escreverá num opúsculo: “Foi para mim um dos mais autênticos e dramáticos testemunhos que tive o privilégio de ouvir e de receber” — “Moçambique. No cúmulo do sofrimento (1972-1974)”. Foram as últimas palavras que os presentes ouviram de Zedequias Manganhela: semanas depois foi encontrado morto na cela.

INTERROGATÓRIOS NA VILA ALGARVE

Esta fora a primeira vez que os cristãos da IPM haviam saído das celas. A segunda é quando o CICV inspeciona a prisão, sendo-lhe deliberadamente ocultados numerosos detidos, incluindo Manganhela.

Os interrogatórios decorrem na Vila Algarve, a sede da DGS. As sessões prolongam-se entre um dia e várias semanas. Se não falavam — recordará o pastor Vonnez, numa carta —, a polícia “não tardava a chamar um dos dois afri-



ARQUIVO JACQUES MOREILLON

O ENCONTRO JACQUES MOREILLON (DE VERMELHO E À ESQUERDA) CHEFIU A DELEGAÇÃO DO CICV QUE VISITOU A MACHAVA EM 1973. IA NA POSSE DE INFORMAÇÕES QUE O MISSIONÁRIO MARCEL VONNEZ (À DIREITA EM CIMA E EM BAIXO COM A MULHER E OS FILHOS ADOTIVOS) FIZERA SAIR DE MOÇAMBIQUE. SÓ SE CONHECERAM 40 ANOS DEPOIS, EM GENEBRA, NUM ENCONTRO PROPORCIONADO PELO EXPRESSO



ARQUIVO MARCEL VONNEZ

canos preparados para esse efeito e batiam. Primeiro nos dedos, depois nas costas.” Os principais responsáveis da DGS são Francisco Lontrão, Antero Semblano, Santos Correia, Luís Lemos. O agente africano, famoso e odiado entre os detidos, é ‘Chico Feio’. A polícia tenta arranjar provas para acusar a IPM de colaborar e financiar a Frelimo, o que poderia levar à proibição das suas atividades e à expulsão dos missionários. Ninguém desconhecia a estreita ligação entre Manganhela e Eduardo Mondlane, o fundador da Frelimo, assassinado pela PIDE (antecessor da DGS) em 1969. “Mas a verdade”, assegura Vonnez, “é que nos nossos cultos, a que toda a gente podia assistir, nem uma só vez se falava da Frelimo.”

A morte de Manganhela é anunciada a 11 de dezembro. As autoridades insistirão na tese do suicídio, firmemente rejeitada por Marcel Vonnez. “Conheci-o muito bem, viajei com ele por todo o território de Moçambique, não era homem para se suicidar. Sempre con-

fiou em Deus e suicidar-se seria cortar a ligação a Deus.” O serviço fúnebre decorre no templo de Khovo, na capital. “Havia uma multidão, silenciosa e digna, que enterrava o seu mártir e dizia interiormente ‘Viva a Frelimo!’” O rosto do cadáver está retocado, por forma a disfarçar sinais de violência. Visível apenas uma mão, estranhamente coberta por uma luva. Só mais tarde Vonnez perceberá porque: as unhas teriam sido arrancadas sob tortura.

Pouco antes de Manganhela haviam falecido na Machava dois outros cristãos da IPM: José Sidumo e Cardoso Ntamele. Tanto quanto se sabe, os corpos desapareceram. O pastor Georges Andrié reteve um impressionante depoimento de Hans-Theodor Thomsen, um antigo legionário alemão acusado de colaborar com a Frelimo. Evadido da Machava, Thomsen contou à igreja protestante suíça que durante os dez meses em que ali viveu morreram 50 pessoas em consequência de maus-tratos. “Os corpos eram

atirados para uma fossa que servia de lixeira da prisão. Depois disso, essa fossa foi entulhada e fizeram um jardim.”

UM BRANCO EM QUEM CONFIAR

A morte de Manganhela suscita uma tal condenação internacional que, no fim do ano, Lisboa determina a libertação do grupo da “missão Suíça” — 37 ao todo. Nas semanas seguintes, Marcel Vonnez interroga-os. “Convidei-os e muitos vieram por si próprios. Tinham vontade de contar tudo e mostrar as marcas no corpo. Via nos seus olhos a cólera contra os brancos, mas confiavam em mim. Viviam com eles, aprendera a língua xangane, adotara até três crianças moçambicanas, o que era qualquer coisa de subversivo. Em África, até me esquecia de que era branco...” Esta confiança permite-lhe que fotografe as cicatrizes bem vincadas na carne. Fotos que entretanto se perderam.

30



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

PEDRO FEYTOR PINTO AMIGO DO DELEGADO DA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL, JACQUES MOREILLON, O ENTÃO DIRETOR DE SERVIÇOS DA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO TINHA ACESSO DIRETO A MARCELLO CAETANO E FEZ-LHE CHEGAR O RELATÓRIO SOBRE A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA E TORTURA NA PRISÃO DA MACHAVA

Revoltado com quanto viu e ouviu, Vonnez interroga a igreja suíça. “Que vamos nós fazer, qual é o passo seguinte?” Uma pergunta a que o próprio responde: “A primeira coisa a fazer é contactar um representante da Cruz Vermelha Internacional.” Nos nove pavilhões calcula que haveria “entre 1800 e 2700 prisioneiros”. Chama a atenção para os pavilhões 5 e 7.

REGRA DE OURO: NUNCA COMEÇAR PELA PRIMEIRA CELA

Pacientemente, Vonnez começa a descrever a prisão. “Para perceber melhor o que se passara, e com a ajuda da nossa gente, comecei a fazer um desenho. O bloco 5, onde é? E o 2, onde fica? Só lá tinha ido uma vez mas fui reconstituindo o seu interior.” O resultado é um relatório de 25 páginas, em francês, concluído em abril de 1973, a que chama “Testemunhos sobre os acontecimentos ocorridos em junho-dezembro 1972 na prisão de Machava (Lourenço Marques)”. Em anexo traz alguns mapas, com a localização dos pavilhões, assinando aqueles onde estariam presos de mais envergadura ou a ser interrogados. O “relatório Vonnez”, como passará a ser conhecido, sai discretamente de Moçambique nas mãos de um anónimo, que o faz chegar à Suíça.

Uma vez na posse da igreja protestante suíça, os dados do “relatório Vonnez” não tardam a chegar ao conhecimento de Jacques Moreillon. Funcionário do Comité Internacional da Cruz Vermelha, fora o representante na América do Sul e desde julho de 1972 que é o delegado-geral para África. “O CICV tinha e continua a ter várias fontes de informação”, confirma Moreillon. “Uma era o Departamento Missionário protestante da Suíça francófona. Outras são a Comissão Internacional de Juristas e a Amnistia Internacional.”

O CICV visita regularmente as prisões da África portuguesa: Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique. Estabelecimentos com



**NO FUNERAL,
SÓ SE VIA UMA
MÃO, COBERTA POR
UMA LUVA. SÓ
DEPOIS O PASTOR
VONNEZ PERCEBEU
QUE TERIAM SIDO
ARRANCADAS
AS UNHAS**

milhares de prisioneiros políticos, suspeitos de pertencer aos movimentos de libertação envolvidos nas três guerras. Visitas necessariamente autorizadas pelo Governo de Lisboa, que sempre haviam incluído entrevistas aos presos sem testemunhas — uma condição considerada absolutamente *sine qua non*. Como sublinha Jacques Moreillon, que viria a ser diretor-geral do CICV, “um preso que é maltratado ou torturado não se exprime livremente diante do seu torcionário”.

A Machava fora alvo de quatro inspeções desde 1966. A partir do cruzamento de várias informações, Moreillon percebera que a última, efetuada em 1972 por Henry Santschy, “decorrera com alguns problemas”. Decide lá voltar, tão cedo quanto possível. “Procurei saber onde podia meter o dedo para identificar os locais onde estariam os presos suscetíveis de terem sido torturados. Sei agora que a fonte de informação foi o ‘relatório Vonnez’ — mas só o soube há algumas semanas, quando comecei a preparar a entrevista ao Expresso.”

O CICV chega a Lourenço Marques a 27 de outubro de 1973. Os três delegados — Jacques Moreillon, Nicolas de Rougemont e François Leu — percorrem a Machava nos dias 29 e 30. Na mais importante das cadeias da colónia portuguesa do Índico estão, segundo o CIRC, 1094 presos políticos. “Sabia que era preciso ir ao pavilhão nº 5, era lá que estavam os presos que importava ouvir.” Em visitas deste género “há uma regra de ouro. Quando se entra num pavilhão, nunca se deve começar pela primeira cela. Pelo contrário: há que percorrer o corredor até ao fim, lentamente, para que os detidos nos possam ver através das janelas abertas ou entre os grades, e saibam que, na volta, quando sair, o delegado voltará a passar diante da cela.” Cada delegado vai identificado com um grande emblema da Cruz Vermelha, preso ao braço ou na lapela. “Devemos



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E FORMAÇÃO FOTOGRÁFICA DE MAPUTO

Relatório da Cruz Vermelha confirma espancamentos

O médico François Leu, um dos três delegados do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) que inspecionaram “o Campo da DGS na Machava”, descreveu no relatório oficial (imagem em baixo, à direita) os sinais de sevícias que encontrou nos corpos de numerosos presos, agrupados em três grupos característicos:

No ponto 1, fala em “lesões longas, com cerca de 15 a 20 cm por 1 cm de largura, com mais ou menos crostas ou pigmentadas, consoante a idade, mais ou menos cicatrizadas, ou mesmo keloidianas, consoante a profundidade. As lesões situam-se geralmente no tronco e nos membros e devem-se à utilização do ‘chamboko’ ou chicote de pele de hipopótamo (cavalo-marinho)”.

No ponto 2 refere “hematomas arredondados, em pastilhas, com um centímetro de diâmetro, encontradas principalmente na palma das mãos, mais raramente na planta dos pés, cuja pele é mais espessa. Estas lesões são provocadas por um instrumento chamado ‘palmatória’”.

No ponto 3 descreve “hematomas, pigmentações arredondadas, da grossura da palma de uma mão, e sobretudo dores que subsistem durante vários meses na sequência de pontapés, chapa-das, murros e bastonadas. As lesões localizam-se sobretudo nos membros inferiores, nas coxas, na região lombar e no rosto”.

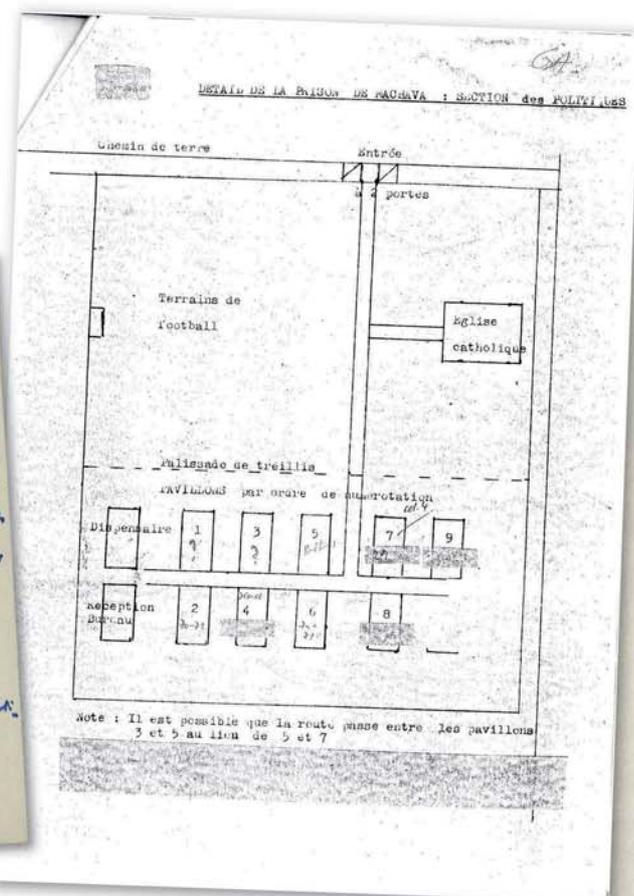
O LOCAL E AS PROVAS CORREDOR DE UM PAVILHÃO DA MACHAVA; ORIGINAL DO DESPACHO DE MARCELLO CAETANO AUTORIZANDO UM INQUÉRITO (EM BAIXO); ESBOÇO DO MAPA DA PRISÃO, FEITO PELO PASTOR VONNEZ (CENTRO); E RELATÓRIO DA CRUZ VERMELHA (DIREITA)

N.º 10

O Sr. Presidente do Conselho recebeu a carta de V. Ex.ª com o pedido de que se proceda imediatamente ao envio de autoridades locais competentes.

Qualquer que seja a resposta, V. Ex.ª receberá desde logo as mais claras informações no sentido do tratamento humanitário de todos os presos detidos, quaisquer que sejam os delitos de que sejam sujeitos, e determinará que, à rememoração de que em casos análogos se tem feito, sejam tomadas as devidas providências para a responsabilização pela administração dos instrumentos.

Quando as autoridades locais...



3) hématomes, pigmentations arrondies, de la grosseur d'une paume de main, et surtout douloureux qui subsistent pendant plusieurs mois à la suite de coups de poigne...

COMITÉ INTERNATIONAL DE LA CROIX-ROUGE

ALLEGATION DE MAUVAIS TRAITEMENTS A MACHAVA, OCTOBRE 1973

I Introduction

Lors de leur visite des 29 et 30 octobre 1973 au Camp de la DGS à Machava, les 3 délégués du CICR ont reçu, comme de coutume, toute liberté de s'entretenir sans témoin avec les détenus de leur choix.

Au cours de ces entretiens, 45 détenus ont affirmé avoir été battus dans le pavillon 5 au cours de leur récent interrogatoire. 32 d'entre eux présentaient des traces caractéristiques de sévices, correspondant aux descriptions de coups faites par les prisonniers et dont l'ancienneté coïncidait avec les dates de leur interrogatoire. 33 détenus ont expressément dit ne pas avoir été battus mais il faut signaler que certains d'entre eux portaient des traces paraissant les plus caractéristiques de sévices probables et récents, comme par exemple : Fernando Canario Mawale (pav. 4, cel. 7) ou Fenias (Ferrias) Magoda Sithoe (Pav. 9, cel. 20).

Les délégués ont enregistré de nombreuses allégations relatives à des mauvais traitements plus anciens et qui auraient été commis hors de Machava, avant l'installation des services de vestigiations dans le pavillon 5 de Machava. Ils ont cependant limité leurs observations dans ce rapport aux sévices allégués qui auraient eu lieu récemment et dans le pavillon 5 seulement.

Selon le délégué-médecin, les lésions se présentent sous 3 formes, selon le type d'instrument employé :

- 1) lésions allongées, de 15 à 20 cm environ sur 1 cm de large, plus ou moins croûteuses ou pigmentées suivant leur âge, plus ou moins cicatricielles ou même keloidiennes suivant leur profondeur. Les lésions sont généralement situées sur le tronc et les membres et sont dues à l'usage du "chamboko" ou fouet de peau d'hippopotame (caval marin).
- 2) hématomes ronds, en pastilles, d'un centimètre de diamètre, retrouvés principalement sur la paume des mains, plus rarement sur la plante des pieds dont la peau est plus épaisse. Ces lésions sont provoquées par un instrument appelé "palmatória".

TORRE DO TOMBO

ARQUIVO MARCELLO CAETANO

O estranho “suicídio” do pastor Zedequias Manganhela

Principal figura da igreja protestante moçambicana, Zedequias Manganhela foi encontrado morto na noite de 10 para 11 de dezembro de 1972, na cela 6 do pavilhão 7 da cadeia da Machava. Segundo a DGS, apareceu enforcado. O suicídio foi, com efeito, a tese oficial apresentada pelas autoridades portuguesas, mesmo depois de um inquérito mandado instaurar pelo governo de Marcello Caetano. Indiscutível é o facto de Manganhela ter sido submetido durante meses a um regime de isolamento total e alvo de prolongada e violenta tortura.

Segundo os historiadores Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus (em “Nacionalistas de Moçambique”), o principal carrasco foi o inspetor Francisco Lontrão, um histórico da PIDE/DGS, que participara na Guerra Civil de Espanha, voluntário nas forças nacionalistas de Franco. A tese do suicídio, porém, é contrariada pela viúva e pelo pastor suíço Marcel Vonnez, seu amigo, vizinho e pastor da mesma igreja. O próprio inquérito, apesar de confirmar o suicídio, não deixa de referir que ele terá ocorrido “só depois de constante tortura, tratamento comum infligido aos presos da Machava”. Nascido em 1912, desde sempre ligado à chamada “Missão Suíça”, era o

presidente da Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM). Eram conhecidas as suas relações de amizade e admiração por Eduardo Mondlane, igualmente protestante, fundador e primeiro presidente da Frelimo. Em 1966, num encontro que tiveram em Genebra, Mondlane chegou a convidá-lo para vice-presidente daquele movimento. Manganhela não aceitou o convite, para não comprometer politicamente a igreja de que era o líder e por não se achar com competência para o cargo. Segundo aqueles historiadores, Manganhela tentou convencer Mondlane “a não fazer guerra”, a que este terá respondido que “os colonialistas portugueses não deixariam Moçambique de sua livre vontade”. Na opinião de Marcel Vonnez, que presidiu às cerimónias fúnebres no templo de Khovo, no centro de Lourenço Marques, “certamente que Manganhela queria a libertação do seu povo”. **J.P.C.**



ARQUIVO MARCEL VONNEZ

ZEDEQUIAS MANGANHELA
TORTURADO PELA DGS, APARECEU MORTO NA SUA CELA. OFICIALMENTE FOI SUICÍDIO, MAS O PASTOR VONNEZ NUNCA ACREDITOU

passar diante das celas sozinhos, para dar confiança e coragem aos detidos.”

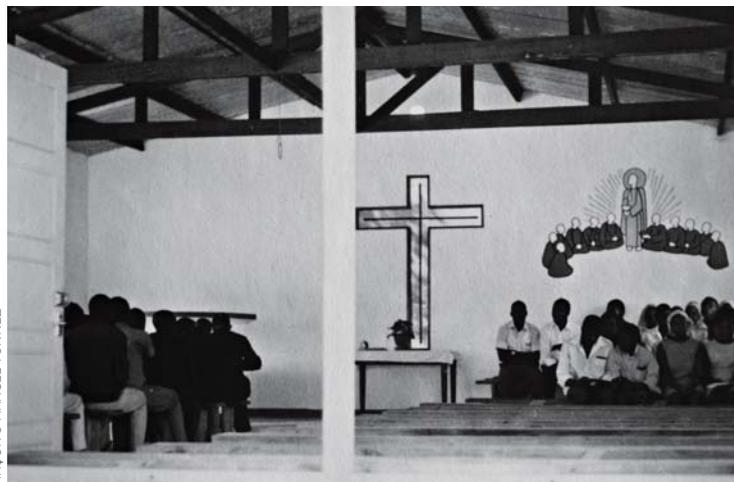
É nesta visita que alguém, interrogado sobre se fora espancado, segreda: “Ainda não...” Um murmúrio que diz tudo, que Moreillon nunca mais esqueceu e que lhe permitiu detetar um vastíssimo quadro de violência e tortura. Conhecedor da língua portuguesa, dispensa intérprete. “Tinha realmente essa vantagem. Quando em 1964 o Ministério do Ultramar convidou um grupo de estudantes do Instituto de Altos Estudos Internacionais de Genebra para visitar Angola e Moçambique, decidi aprender português. Foi uma viagem de dois meses, de propaganda, mas muito agradável. Fomos acompanhados pelo Pedro Feytor Pinto e ficámos amigos para sempre.”

Moreillon e o médico François Leu escutam e observam atentamente uma centena e meia de prisioneiros. Só no pavilhão nº 5, como se lê no respetivo relatório, “45 detidos afirmaram terem sido espancados” durante os interrogatórios; “32 dentre eles apresentavam sinais característicos de sevícias

(...); 33 detidos disseram que não haviam sido espancados, mas há que assinalar que alguns deles tinham vestígios característicos de sevícias prováveis e recentes”. Foram apuradas ainda “numerosas alegações relativas a maus-tratos mais antigos, que teriam sido cometidos fora da Machava”. O instrumento utilizado tanto era o cavalo-marinho, a palmatória ou o *chamboko* (chicote de pele de hipopótamo).

O relatório expõe os 45 casos, um a um, com a menção do nome, cela, data de entrada na prisão, queixas e, por último, os sinais confirmados pelo médico da Cruz Vermelha. Alfredo Sithoe é talvez o mais chocante: “Espancado em todo o corpo e no rosto”, com sérias lesões na nuca, costas, tórax, perna direita, mãos e pálpebra esquerda. Quanto a Danji Sidi, fora agredido na manhã da própria visita por dois europeus — “um espancava e o outro batia à máquina”. A violência é quase sempre imputada a um africano chamado ‘Chico’, por vezes na presença de um agente europeu da DGS, de nome João.

Um relato verbal deste quadro é feito no fim da visita ao inspetor Francisco Lontrão. O pide justi-



ARQUIVO MARCEL VONNEZ

RECOLHIMENTO E REPRESSÃO TEMPLO EM LOURENÇO MARQUES (MAPUTO) DA IGREJA PRESBITERIANA DE MOÇAMBIQUE, ONDE TRABALHAVA O MISSIONÁRIO SUÍÇO MARCEL VONNEZ. À DIREITA, A VILA ALGARVE, SEDE DA PIDE/DGS (FOTO POSTERIOR À INDEPENDÊNCIA), ONDE OS DETIDOS NA MACHAVA ERAM INTERROGADOS E TORTURADOS



fica-se, dizendo que eram “bandidos” ou “bandoleiros vulgares”, que “aterrorizavam as populações”; detidos em rusgas pela PSP, “resistiam” e eram entregues à DGS “já com as marcas das palmadas”. Lontrão está em contacto permanente com o diretor da DGS de Lourenço Marques, Pereira de Castro, o governador-geral de Moçambique, Pimentel dos Santos, e o ministro do Ultramar, Silva Cunha. O governador avisa o ministro que os delegados “tencionam tentar uma ida a Wiriamu” — o local do terrível massacre de civis, perpetrado por uma força dos Comandos e cuja denúncia, em julho anterior, chocara a opinião pública mundial. Silva Cunha alarma-se e responde através de telegrama: “Não devem ir a Wiriamu”.

FAZER CHEGAR A CARTA A MARCELLO CAETANO

A cadeia que se segue é a de Ponta Mahone, a sul da capital, para onde a DGS havia transferido dois padres espanhóis, por forma a evitar que se avistassem com a Cruz Vermelha na Machava. Lontrão acompanha os homens do CICV. No barco que atravessa o rio Tembe, o inspetor pergunta ao suíço quem o autorizara a falar com os prisioneiros sem testemunhas. “Disse-lhe que era um procedimento habitual, autorizado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Mas nós dependemos do Ministério do Ultramar,

não do MNE”, respondeu Lontrão. E comunicou-me que Lisboa tinha proibido mais entrevistas a sós com presos. Disse-lhe então que, nessas condições, não entraria em mais nenhuma prisão, e regressou a Lourenço Marques.”

Interrompida a visita a Moçambique, Moreillon apanha o primeiro voo para Lisboa, onde chega a 2 de novembro. No avião, redige à mão o relatório sobre a Machava. “Em Lisboa fui logo ter com o meu amigo Pedro Feytor Pinto.” Diretor de serviços da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Feytor Pinto trabalha no Palácio Foz e recorda: “Eu tinha a meu cargo as relações com os jornalistas estrangeiros, conhecia muito bem o Jacques Moreillon e tinha acesso direto a Marcello Caetano.” Para Moreillon, “era vital que o chefe do Governo conhecesse o relatório. Lembro-me do Pedro a tirar fotocópias, numa máquina a álcool, muito lenta, após o que a enviou a Caetano.” O suíço tem pressa: “Era muito importante que a visita fosse retomada o mais cedo possível, a fim de rever todos os nossos informadores e queixosos e evitar que sofressem represálias.”

Outra cópia do relatório, de carácter confidencial, é entregue por Moreillon ao diretor-geral dos Negócios Políticos do MNE, Freitas Cruz. Num documento classificado de secreto, o embaixador regista a sugestão para que se proceda



O RELATÓRIO EXPÕE OS 45 CASOS: NOME, CELA, DATA DE PRISÃO, QUEIXAS E SINAIS CONFIRMADOS PELO MÉDICO DA CRUZ VERMELHA

“com a possível brevidade a um inquérito”. Instado pelo embaixador, Moreillon é perentório em afirmar que nunca manifestou qualquer desejo de visitar Wiriamu, um caso que “não era da sua competência nem do CICV”.

Acoissado, o inspetor Lontrão dá a sua versão, num relatório de dez páginas. “Estes delegados não agiram da mesma forma” que os anteriores, queixa-se. “Resolveram visitar cada um dos pavilhões, que são nove, cela por cela (...) sendo visível a diligência cuidadosa dos delegados em meterem o nariz em todos os cantos.” Insistiam com os presos “para que lhes dissessem se lhes tinham batido”. Pior: “Obrigavam os presos a despir as camisas para lhes verem as costas.” Dias depois, sentindo-se “profundamente chocado” com a atuação do CICV, Lontrão apresenta a carta de demissão, prontamente aceite.

DGS DEFENDE-SE COMO PODE

A versão final do relatório do CICV é enviada a 5 de novembro a Marcello Caetano. Escrito em francês, o documento tem o título “Alegação de maus-tratos na Machava, outubro de 1973”. A acompanhá-lo, Roger Gallopin, um dos seus principais dirigentes do CICV, apela a Caetano: “Não duvidamos que o seu Governo tomará as medidas que se impõem”. E insiste na urgência de uma nova visita à Machava. A resposta de Caetano é positiva. Sem nunca falar em inquérito, afiança que “mandou imediatamente ouvir as autoridades locais” e que “determinou que (...) sejam efetivadas responsabilidades”. Num “nota verbal” enviada para São Bento, Mordillon manifesta satisfação pelo facto de Caetano ter “ordenado o inquérito que se impunha” e indaga quando poderá retornar a Moçambique.

Ameaçada com um inquérito, a DGS de Lourenço Marques defende-se. Condena o CICV pelo “propósito deliberado” de “vasculhar todo o espaço prisional sem qualquer testemunha”. Reconhecendo finalmente alguns maus-tratos,



DOMINGOS CHAVES/ILUSA

Matias Mboa, 12 anos na Machava: “Só pedia a Deus para me levar”

O pensamento do suicídio foi companheiro constante de Matias Mboa. Combatente da luta de libertação, foi preso em dezembro de 1964 pela PIDE. Conseguiu resistir à tentação. “A morte é covarde. Quando chamamos por ela, não aparece; quando não estamos à espera, vem ter connosco e leva-nos.” Na sua casa na Matola, partilhou as memórias com uma surpreendente tranquilidade e sem qualquer rancor. Como se fosse uma relíquia, mostra um papel amarelado de um maço de cigarros onde escreveu um poema nos anos que passou na Machava. “É a única coisa que resta desse tempo de sofrimento.”



FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

MÁS RECORDAÇÕES MATIAS MBOA NO JARDIM DA SUA CASA. ESTEVE PRESO 12 ANOS NA MACHAVA: 7 ANTES DA INDEPENDÊNCIA E 5 DEPOIS. FOI LÁ QUE ESCREVEU UM POEMA, NO PAPEL DE UM MAÇO DE TABACO

Nascido a 6 de janeiro de 1942 em Bobole (a 30 quilómetros de Maputo), Matias Zefanias Mboa, que recebeu treino de guerrilha na Argélia, foi nomeado chefe do Comando Operacional da 4ª Região Militar da Luta de Libertação Nacional desencadeada pela Frelimo sob a direção do então Presidente Eduardo Mondlane. O nome de guerra era Thomas Kumalo. Escreveu um livro, “Memórias da Luta Clandestina”, em 2009, para que não sejam esquecidos todos os que morreram pela libertação do país e aqueles que ainda estão vivos. “Fui vendo desaparecerem, um a um, quase todos os meus *chibosts*” — o nome pelo qual se chamam entre si os que partilharam as celas do regime colonial. Mas há outra razão: “Na história da Frelimo sempre falhou uma parte, sobre a clandestinidade.” A luta contra a dominação portuguesa não foi só nas matas. Passou também por vigilância, perseguição,

detenção, tribunal militar, prisão. E tortura. Mboa começou por estar na penitenciária de Lourenço Marques (atual Maputo). Foi condenado a cinco anos de cadeia por terrorismo — que na verdade se transformaram em sete. Cumpriu a pena na Djamangwana, nome como era conhecida a cadeia da Machava pela população local. “Quando fui preso, à meia-noite, fui tão torturado que perdi os sentidos. Carregaram comigo para a penitenciária. Quando acordei, senti que estava molhado e sozinho, todo encolhido, numa cela de um metro e pouco. Só pedia a Deus para me levar!” Ter escrito a experiência da cadeia não apagou da

memória o cheiro nauseabundo de urina e fezes e morte. “Ainda tenho nas narinas aquele cheiro.” Para sempre ficou, também, a memória de Chico Feio. “Era a pessoa mais feia do mundo, o seu prazer era torturar. Era uma espécie de avançado-centro, sempre pronto para a tortura. Era uma espécie de espancamentos, choques elétricos, humilhações sexuais, violações. “A morte de Francisco Langa, seu verdadeiro nome, roubou-nos a oportunidade de saber as pessoas que matou,

como as matou e para onde foram atiradas. Ele sabia tudo isso: era a biblioteca da tortura da PIDE.” Foram muitos os carrascos, nomes que preferia esquecer. Como o inspetor Matos Rodrigues. “Era um homem grande e, quando subia em cima da tua cabeça, sentias que estavas a ser esmagado.” Ou o inspetor Acácio, que o torturou na Vila Algarve, “o matadouro onde foram imolados muitos companheiros de sofrimento”. Ou o diretor da PIDE António Vaz, que compara a Adolf Hitler “na estatura, no bigode, na maneira de agir e torturar”. Depois da independência, mal visto pelo novo regime, Mboa voltou à Machava em 1978, onde esteve preso mais cinco anos. Ainda não quer falar disso, mas continua a dizer que não sente rancor nem por aqueles que pediram o seu fuzilamento. “Sofri porque Deus quis.”

PAOLA ROLLETTA, CORRESPONDENTE EM MAPUTO

argumenta que resultaram “de incidentes não raro inevitáveis no curso de interrogatório dos presos de certo tipo de delinquência”. As inquirições limitaram-se a “meia centena de indivíduos, que representa 3,5% do total de reclusos” num centro que “pretende ser (...) mais uma escola de virtudes cívicas”. O documento admite “um ou outro” aspeto “de classificação negativa”, mas sublinha que já “foram afastados para outros serviços dois dos funcionários”.

Também o governador-geral de Moçambique não quer inquiridos. Num ofício “secreto” e “muito urgente” ao ministro do Ultramar, Pimentel dos Santos espera que se dê “a questão por encerrada com a substituição do inspetor Lontrão e outros elementos da DGS”. Já o diretor da DGS de Lourenço Marques não esconde o seu pânico perante o cenário de uma investigação independente à sua corporação. Em carta ao seu superior, Silva Pais, Pereira de Castro alerta para “o grande melindre e as situações imprevisíveis que poderiam advir de um inquérito ser feito por entidade estranha à DGS”.

“FOI TERRÍVEL”

Volvido um mês sobre o envio do relatório ao Governo, a direção do CICV, em Genebra, emite um comunicado dando conta do “desacordo” sobre a visita a Moçambique. Noticiado pela imprensa internacional, em Portugal o Exame Prévio trata de o censurar. Instado a dar a sua opinião, Feytor Pinto observa que “um recomeço das visitas (...) seria, de um ponto de vista de opinião pública, extremamente salutar”. No despacho, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício, dá um parecer favorável.

Garantido finalmente o respeito pela sacrossanta regra das entrevistas sem testemunhas, Moreillon regressa à Machava em janeiro de 1974. “Quis saber junto dos prisioneiros o que se tinha passado depois da minha visita. ‘Foi terrível’, disseram todos com quem falei; ‘foram horrivelmente maltratados.’



**EM DEZEMBRO
DE 1973 CHEGOU
UMA PESSOA DE
LISBOA. FALOU
COM OS PRESOS,
O 'CHICO'
DESAPARECEU
E MAIS NINGUÉM
FOI MOLESTADO**

A polícia perguntava a cada um: 'Falaste com a Cruz Vermelha? Então toma, esta é pela Cruz Vermelha...' Até que em dezembro chegou uma pessoa que nunca tinham visto, vinda especialmente de Lisboa, diante da qual toda a gente se inclinava. Viu e falou individualmente com todos os que tinham estado connosco. Depois 'Chico' desapareceu e, a partir daí, mais ninguém foi molestado."

NUNCA MAIS CORTOU A BARBA

O novo quadro é confirmado por uma nova missão do CICV, que percorre os centros de detenção de presos políticos em Moçambique. O respetivo relatório, de 22 de fevereiro de 1974, refere maus-tratos na Beira, Nampula e Quelimane. Na Machava, porém, nada a apontar. No ofício que acompanha o relatório, Roger Gallopin, da direção do CIRV, manifesta a Caetano o seu regozijo: "a tortura acabou" na Machava, o que demonstra que "a intervenção das altas autoridades da metrópole foi simultaneamente necessária e suficiente".

Com 73 anos, reformado, Jacques Moreillon não esconde a "satisfação pessoal e institucional" por este desfecho. "Esta é uma história exemplar e que felizmente acabou bem, porque pôs fim à tortura, que fazia parte de um sistema institucional. Quando não há resultados, perde-se um pouco a moral." Adverte, porém, que a história "só ficará completa quando os arquivos do CICV sobre esta época forem acessíveis ao público". O que só acontecerá em 2015.

Depois da independência de Moçambique, Samora Machel decretou o encerramento das missões protestantes. O pastor Marcel Vonnez regressou à Suíça em 1976, com a mulher e os cinco filhos adotivos, dois brancos e três negros. Não mais voltou a Moçambique. E também nunca mais cortou a barba, que começou a deixar crescer, num preito de homenagem, no dia em que o amigo Manganhela foi morto. ●

jpcastanheira@expresso.impresa.pt



DE LISBOA AO REINO UNIDO

PARTIDA A 13 MAIO DE LISBOA

5 NOITES DESDE

471€

5 NOITES DE CRUZEIRO A BORDO DO MSC ÓPERA
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
471€ + TAXAS: 150€ | TOTAL: 621€

8 NOITES DESDE
899€

FIORDES DA NORUEGA

PARTIDA A 31 DE MAIO DE LISBOA

AVIÃO LISBOA-COPENHAGA-LISBOA
1 NOITE EM COPENHAGA + 7 NOITES DE CRUZEIRO
A BORDO DO VISION OF THE SEAS
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
899€ + TAXAS: 316€ | TOTAL: 1.215€

NORTE DA EUROPA E ATLÂNTICO

PARTIDA A 11 JULHO E 9 SET DE LISBOA

10 NOITES DESDE

647€

10 NOITES DE CRUZEIRO A BORDO DO MSC ÓPERA
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
647€ + TAXAS: 195€ | TOTAL: 842€

9 NOITES DESDE
1.179€

BÁLTICO

PARTIDA A 20 DE JULHO DE LISBOA

AVIÃO LISBOA-ESTOCOLMO-LISBOA
2 NOITES EM ESTOCOLMO + 7 NOITES A BORDO DO VISION OF THE SEAS
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
1.179€ + TAXAS: 345€ | TOTAL: 1.524€

CARAÍBAS ORIENTAIS

PARTIDA A 23 AGOSTO DE LISBOA

8 NOITES DESDE

1.150€

AVIÃO LISBOA-MIAMI-LISBOA
1 NOITE EM MIAMI + 7 NOITES A BORDO DO OASIS OF THE SEAS
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
1.150€ + TAXAS: 620€ | TOTAL: 1.770€

8 NOITES DESDE
1.100€

CARAÍBAS OCIDENTAIS

PARTIDA A 30 AGOSTO DE LISBOA

AVIÃO LISBOA-MIAMI-LISBOA
1 NOITE EM MIAMI + 7 NOITES A BORDO DO OASIS OF THE SEAS
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
1.100€ | TAXAS: 620€ | TOTAL: 1.720€

BÁLTICO

PARTIDA A 30 AGOSTO DE LISBOA

8 NOITES DESDE

999€

AVIÃO LISBOA-COPENHAGA-LISBOA
1 NOITE EM COPENHAGA + 7 NOITES A BORDO DO VISION OF THE SEAS
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
999€ | TAXAS: 359€ | TOTAL: 1.358€

8 NOITES DESDE
455€

CRUZEIRO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

PARTIDA A 22 SETEMBRO DE LISBOA

8 NOITES DE CRUZEIRO A BORDO DO MSC MAGNIFICA
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
455€ + TAXAS: 180€ | TOTAL: 635€

MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

PARTIDA A 29 SET/ 7 A 23 OUT DE LISBOA

8 NOITES DESDE

486€

8 NOITES DE CRUZEIRO A BORDO DO MSC POESIA
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
486€ + TAXAS: 180€ | TOTAL: 635€

14 NOITES DESDE
553€

DE LISBOA A MIAMI

PARTIDA A 28 DE OUTUBRO DE LISBOA

AVIÃO MIAMI-LISBOA
1 NOITE EM MIAMI + 13 NOITES A BORDO DO VISION OF THE SEAS
PREÇO BASE POR PESSOA EM CAMAROTE DUPLO INTERIOR:
553€ | TAXAS: 446€ | TOTAL: 999€

Consulte uma agência Halcon Viagens para conhecer o itinerário e respectivas condições correspondentes a cada programa.

707 200 201
Halcon.pt

HALCON
VIAGENS